

Satélite extrapolou as previsões

Criada em 1970 para se transformar aos poucos em uma cidade-satélite de porte médio e onde se abrigariam os moradores dos primeiros acampamentos e invasões da Capital da República, a Ceilândia, em 22 anos, mudou o destino. Extrapolou as previsões, cresceu acima do planejado e passou a demonstrar uma forte vocação para a instalação de pequenas indústrias. Hoje, abriga em toda a sua extensão cerca de oito mil empresas, sendo que, entre elas, duas mil (25%) funcionam na economia informal.

Com essa nova imagem, a “cidade dos pioneiros” — chamada certa vez de “menina dos olhos” do então presidente João Figueiredo — passou a produzir ao correr dos anos grande parte dos produtos que consumia. Assim, surgiram fábricas de alimentos, condimentos, roupas — até grifes piratas da moda —, ou móveis de luxo, comprados não só pelas grandes lojas e a elite de Brasília, como de outras cidades e até do exterior.

Pouca gente imagina que o suporte do seu televisor, do videocassete, forno de microondas, ou mesmo o deck da aparelhagem de som

comprados em uma loja de departamento foi fabricado na Ceilândia. Nem mesmo que a antena parabólica que está sobre o bloco e que o possibilita sintonizar emissoras de TV de todo o mundo é “made in Ceilândia”.

Para camuflar a origem dos produtos são usados vários artifícios, principalmente pelas lojas, que os colocam como fabricação própria. A porta de madeira entalhada e produzida artesanalmente, adquirida em uma fina loja de decoração e que hoje ornamenta uma mansão nos Lagos Sul ou Norte, pode, muito bem, ter saído de uma fabriqueta de fundo de quintal da satélite.

Os móveis “estilo inglês” também de “madame” podem ter sido produzidos em um endereço desconhecido por ela, por exemplo, no ateliê de José Francisco Alves Júnior, na QNM 7, na Ceilândia Norte. A “fábrica” fica no quintal da pequena casa de 70 metros quadrados e a área ocupada pelo “galpão” tem apenas 35 metros quadrados. Francisco e a família, mulher e dois filhos que a auxiliam na produção, moram em um sótão.

Casos como o de Francisco Júnior são comuns na cidade que hoje conta com cerca de 550 mil habitantes. Em cada rua, viela, existe uma fabriquetaria, marcenaria ou serralheria. Todas funcionando em residências. “Não temos área para expandir. Então, a solução é aproveitar os espaços disponíveis”, afirma o presidente da Associação Comercial e Industrial (ACIC), Ilton Mendes.

Junto com a Associação dos Microempresários da Ceilândia (ASEMC), Ilton busca, com o apoio da Administração Regional, ampliar o Setor Industrial já existente — para médias e grandes empresas — e criar novas áreas, para as pequenas e micros e que englobariam as indústrias de fundo de quintal.

O projeto já existe e, segundo disse, já foi aprovado pelo Conselho de Engenharia, Arquitetura e Meio Ambiente (CAUMA) do Governo do Distrito Federal. “Aguardamos, agora, o Relatório de Impacto sobre o Meio Ambiente (Rima)”, afirma o presidente da ASEMC, José Batista da Silva. (A.H.)